

INFORME ANARQUISTA

Goiânia, Dezembro de 2005 à Fevereiro de 2006
nº03

Informativo Trimestral do Coletivo Pró Organização Anarquista em Goiás
e-mail:: proorganarquista_go@riseup.net Cx. Postal 92 CEP: 74003-901 Goiânia-GO

SURGIMENTO DO ANARQUISMO

Objetivos, estratégias e táticas - Parte 01

Após maio de 68 e a queda do muro de Berlim, o anarquismo ressurgiu no cenário político. Entretanto, existiu uma tendência a resgatar mais alguns elementos do anarquismo do que o anarquismo enquanto corrente revolucionária que apresentava um projeto de sociedade e um conjunto de estratégias e táticas para alcançá-lo. O anarquismo retornou, para muitos, como sendo apenas um comportamento individual e cultural. Por isso, pretendemos, neste texto, resgatar a história do anarquismo classista e militante do séc.XIX, avaliando o que dele nos serve na atual conjuntura e o que consideramos ultrapassado.

O anarquismo surgiu na Europa do séc. XIX em um período de ascensão do movimento operário. Podemos demarcar este período como indo da década de 40 à década de 70. Este foi um período de crise econômica do capitalismo europeu que se iniciou com a grande depressão industrial de 1840. A fome e o desemprego pelo continente aterrorizaram ainda mais a vida sofrida da classe trabalhadora. Junto com a depressão, a Europa apresentava um ambiente de intensa agitação. Insurreições, motins, revoltas, estavam presentes durante todo este período, fazendo com que a revolução estivesse à ordem do dia.

O anarquismo, neste contexto, não surgiu como fruto das reflexões individuais de um gênio isolado. Pelo contrário, ele surgiu como uma expressão da organização e luta dos trabalhadores da época. Foi um método criado no bojo da luta proletária que indicava objetivos, estratégias e táticas para a libertação da classe explorada e construção de uma sociedade justa e igualitária.

O primeiro homem a reivindicar para si a definição de anarquista foi o trabalhador francês Joseph Proudhon. Ele reivindicou o termo porque seu método de transformação da sociedade incluía a construção de uma sociedade igualitária e livre que só seria possível com a eliminação do Estado e a construção de uma organização política igualitária, organizada não de cima pra baixo, pela imposição de uma cúpula no poder, mas de baixo pra cima, partindo de cada trabalhador. Este tipo de organização política Proudhon chamou de Federalismo.

Entretanto, a estratégia de Proudhon era baseada em uma concepção de transformação gradual da sociedade. Ele tinha esperança no avanço rumo ao socialismo sem uma ruptura insurrecional. Lembremos o que ele mesmo disse em uma carta a Marx: “(...) nós não devemos, de forma alguma, colocar a ação revolucionária como meio de reforma social, porque esse pretendido meio seria simplesmente um apelo à força, ao arbítrio; em suma, uma contradição.”. Assim, Proudhon discordava de uma estratégia revolucionária insurrecional para a destruição do capitalismo.

Preferia uma tática reformista, através da construção de organismos econômicos no interior desta sociedade, que, gradualmente, iriam tomando o lugar do capital. Os proudhonianos ou mutualistas, como também eram chamados, tiveram grande importância no movimento operário do séc.

XIX. A maior parte dos fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores pertencia a esta corrente libertária. Entretanto, os mutualistas nunca construíram uma organização política, isto é, uma organização especificamente anarquista. Preferiam, pelo contrário, atuarem somente em associações de trabalhadores e criarem bancos de créditos coletivos que pudessem pouco a pouco substituir a lógica do capitalismo.

Assim, a primeira forma revolucionária e política dos anarquistas surgiu não com os proudhonianos, mas com os coletivistas ou bakuninistas e teve seu formato concreto na criação da Aliança da Democracia Socialista, organização especificamente anarquista que atuava no interior da Associação Internacional dos Trabalhadores.

O objetivo finalista dos coletivistas, em linhas gerais, consistia em alcançar uma sociedade socialista e federalista. Por socialismo entendiam ser necessário a socialização da propriedade, isto é, eliminar a propriedade privada dos meios de produção. Eliminar a idéia de que o mundo devia ser dividido em burguesia (classe que detém os meios de produção, as fábricas, as terras e os instrumentos de trabalho) e proletariado (classe que nada tinham a não ser a sua prole e a força de trabalho que vendia para a burguesia em troca da sobrevivência). Assim, somente tornando coletiva a propriedade das fábricas, das terras e dos instrumentos de trabalho é que o proletário poderia ser livre e ter os meios reais para satisfazerem suas necessidades sem serem explorados.

Por federalismo, a Aliança da Democracia Socialista entendia a eliminação do Estado e a construção de uma nova forma de organização da sociedade, uma forma igualitária, vinda de baixo para cima, através da decisão coletiva dos trabalhadores, sem a imposição de um grupo no poder. Os coletivistas opunham, desta forma, ao Estado o Federalismo. Não se trata de destruir o Estado e esperar que o povo se organize espontaneamente, como muitos pensam que o anarquismo é, mas, destruir o Estado substituindo-o por uma organização proletária, construída desde baixo pelo próprio povo explorado.



Os anarquistas se diferenciavam, assim, dos marxistas que queriam construir uma ditadura do proletariado, que queriam tomar o poder e construir um Estado revolucionário. Bakunin, por exemplo, dizia que se mantivéssemos uma estrutura de Estado na nova sociedade, este Estado “(...) não conseguiria existir um único dia sem ter pelo menos uma classe privilegiada: a burocracia.” Esta classe dominante que se formaria através do Estado escravizaria novamente o proletariado.

Desta forma, era preciso acabar com a propriedade privada e com o Estado e construir o socialismo e o Federalismo. Entretanto, como poderíamos chegar até o socialismo federalista? Como chegar a esta sociedade livre e igualitária?

Para os coletivistas, o único meio era a revolução social protagonizada pelas massas proletárias¹ e camponesas. Deveriam ser as próprias classes exploradas pelo sistema capitalista, o próprio povo pobre miserável, que deveriam organizados em suas lutas fazer uma revolução e, destruindo a força repressiva da burguesia, construir o socialismo e a liberdade. Seguiam assim o lema da Associação Internacional dos Trabalhadores: “A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores”. Nenhum partido, nenhuma vanguarda iluminada, ninguém poderia fazer a revolução para o povo. Essa revolução deveria ser violenta, pois a burguesia não

abriria mão de suas propriedades de graça, e seria necessário que o povo explorado estivesse organizado e disposto a guerrear contra seus exploradores.

Esta era portanto a estratégia permanente anarquista, fazer uma revolução social protagonizada pelas classes exploradas. Entretanto, como fazer isto se o proletariado estava afundado na ignorância, na incapacidade de compreender o capitalismo, em condições de trabalho miseráveis que lhe impossibilitavam pensar uma sociedade futura? Quais eram as variáveis estratégicas e táticas dos anarquistas para chegarem a uma revolução social protagonizada pelas classes exploradas? Este será um tema do nosso próximo número.

¹*Na Alemanha e na Suíça da época de Bakunin aparecia uma classe operária privilegiada por altos salários. Carregavam, segundo Bakunin, o instinto de propriedade que lhe fazia negar qualquer concepção revolucionária socialista. Ao contrário destes operários qualificados, Bakunin acreditava que a força da revolução estaria nos proletários esfarrapados, isto é, nos operários miseráveis, cujas condições de vida eram as mais baixas possíveis. Eram os proletários esfarrapados que, distantes do instinto de propriedade, carregavam o espírito da revolução. Este foi um conflito entre os anarquistas e os marxistas, que depositavam a sua força no operariado dos países mais modernos.*



TRANSPORTE PÚBLICO

A terrível situação do transporte público em Goiânia

Ônibus e terminais lotados e velhos, longas esperas, e uma das tarifas mais caras do Brasil. Essa é realidade dos usuários do transporte público em Goiânia.

Se não bastassem todos estes problemas, no dia 11 de Outubro a tarifa aumentou de R\$1,50 para R\$1,80. Esse aumento foi decidido pelo Conselho deliberativo de transportes coletivos (CDTC) em uma reunião fechada, realizada sem aviso a população e onde não havia presente nenhum usuário do transporte público. Em menos de 48 horas o aumento, de forma autoritária e injusta, já estava em vigor. O sindicato das empresas (SETRANSP) queria que o aumento fosse feito imediatamente para R\$2,14, porém ficou acertado de ser realizado de forma gradativa, em breve a tarifa deve chegar ao preço desejado pelas empresas.

O aumento já estava decidido antes mesmo dessa reunião simbólica ser realizada na sede na Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) no dia 11/10. Os empresários já haviam dado o veredicto e essa reunião serviu apenas para “oficializar” mais este roubo contra povo trabalhador e os estudantes. Este aumento deixa claro que os políticos locais estão interessados apenas em agradar as grandes empresas de transporte coletivo de Goiânia.

As empresas alegaram que não estavam conseguindo ter lucro suficiente para manter o bom funcionamento do transporte.

Uma afirmação que soa ridícula aos ouvidos do povo que anda nos decrepitos ônibus que circulam nas ruas e nos terminais lotados. O mais engraçado é que o aumento foi feito e nenhuma melhoria real foi notada. Vale ressaltar que ninguém tem acesso aos verdadeiros lucros das empresas.

Neste mesmo período a luta por passe livre e melhorias no transporte se intensificou na cidade de Goiânia. Vários movimentos foram às ruas demonstrar seu repúdio com as falsas promessas feitas pelo prefeito Íris Rezende e com a qualidade horrível do transporte. As respostas dos políticos e das empresas foram à repressão e a omissão.

Questionar o sistema de transporte atual e o monopólio do transporte coletivo é uma necessidade imediata dos estudantes e trabalhadores. A destruição do meio ambiente, a situação humilhante que as pessoas são submetidas ao andar de ônibus, tarifas absurdas que só aumentam, políticos oportunistas que ganham eleições com promessas de melhoria no transporte, tudo isso tem que acabar. Porém todos esses males não acabarão por si mesmos, é necessário que o povo se organize em movimentos sociais autônomos, horizontais, classistas e combativos para cobrarem seus direitos através da ação direta popular. Temos que construir movimentos duradouros que sirvam como ferramentas do povo em sua luta por dignidade e igualdade.

Passe livre já!



OMC, Império e ALCA

Relações inseparáveis



O esforço de “união” das economias das Américas em uma única área de livre comércio, iniciado na Cúpula das Américas em dezembro de 1994 em Miami (EUA), teve a participação dos chefes de Estado de 34 países, ditos democráticos da região, que decidiram

criar a Área de Livre Comércio das Américas ALCA, tendo como objetivo a eliminação “progressiva” das barreiras de comércio e investimentos, através do livre comércio de mercadorias, transações de serviços, operações financeiras, compras governamentais e a lei de patentes, tendo em vista a sua implementação até o ano de 2005. O que, na verdade, não passa de um projeto de afirmação do Império dos EUA, através da subordinação econômica, político-militar dos países da América Latina, assegurada num livre fluxo das exportações para consumidores desta região e o equilíbrio dos déficits dos EUA com as regiões da União Européia, Japão e China.

Recentemente, em novembro de 2005, aconteceu a **IV Cúpula das Américas**, onde a ofensiva Estadunidense pressionou os 34 países, como em todas as reuniões sem a presença de Cuba (não convidada), a consolidação da ALCA com ou sem os países do Mercosul. Seguindo a imposição de cima para baixo, os países seguem as negociações sem consultar os legítimos representantes - a população, diretamente envolvida nos impactos das políticas e regras pautadas nas exigências da Organização Mundial do Comércio (OMC). Esta visa a “integração” regional e acordos comerciais, ligada diretamente ao FMI (Fundo Monetário Internacional), Banco Mundial e o G8 (grupelho dos 8 países mais ricos do mundo) visando a expansão dos monopólios, privatizações e seu controle pelas grandes corporações.

Ferindo as economias dos países “em desenvolvimento”, como Brasil, propostas como as de *compromissos adicionais*, que abrem maiores espaços a pressões dos EUA com relação ao mínimo de benefícios e privilégios dos países as suas empresas nacionais e estatais, tem em vista colocar “todos os países em pé de igualdade” que é uma mentira, o que se pode ver nas desvantagens das empresas dos países “em desenvolvimento”, pois irá se concentrar ainda mais as riquezas no norte das Américas, quebrando as empresas do sul e aumentando o desemprego; *direitos de propriedade intelectual*, relacionada à lei de patentes e discussão sobre a biopirataria, como as pesquisas por outros países na região amazônica que descobrem remédios fazem as patentes e depois cobram os direitos sobre sua produção.

Porém, quem influencia e decide as negociações são as burguesias americanas. No Brasil, são os setores da burguesia industrial e do agronegócio (em sua maioria estrangeiros) que cobram as negociações, visando os seus setores mesmo que se tenha perda em outros, como os de serviços, compras governamentais, etc., quer dizer, não são questões de economia nacional que visam a unificação da burguesia brasileira e seus trabalhadores. Os movimentos sociais e populares não são vistos como atores que decidem o processo de “integração” comercial. São grupos de interesses da burguesia que influenciam as negociações, tem em vista seus interesses particulares, e, quem perde é a classe trabalhadora. Para tanto, faz-se necessário que se debata os interesses que estão por trás dessa integração e, quem e o quê estão em jogo.

A resposta a toda essa farsa que vem sendo construída pelo Estados Unidos está sendo dada nas ruas. Milhares de manifestações vêm ocorrendo desde o começo do processo de consolidação da ALCA. Muitas destas manifestações demonstram de forma bem clara a opinião dos movimentos sociais que se mantêm combativos e dão à resposta com base na ação direta.

No Uruguai dezesseis pessoas foram presas e quatro permanecem detidas após uma manifestação que ocorreu no dia 4 de Novembro contra a IV Cúpula das Américas que acontecia na Argentina e contra a presença do presidente americano George W. Bush na América latina. A manifestação terminou com confronto entre os manifestantes e a polícia. Em todo mundo manifestações contra a ALCA e a política imperialista norte americana são reprimidas com violência pela polícia. Em Caxias do Sul uma manifestação pacífica realizada no dia 14 de Novembro contra Bush terminou com vinte presos sendo que quatro pessoas continuaram presas por vários dias e vão responder judicialmente pelo simples fato de demonstrarem publicamente seu repúdio contra Bush. Neste mesmo período aconteceram milhares de manifestações na América latina contra a presença de Bush em nossas terras, contra a ALCA e contra a IV Cúpula das Américas deixando claro que os movimentos populares combativos da América Latina são contra o imperialismo norte americano.



Manifestação no Uruguai contra Bush, a ALCA e a cúpula das Américas

Arriba los que luchan!

Exército brasileiro promove massacres no Haiti a mando dos EUA

Desde fevereiro de 2004 depois de uma eleição exaustiva, na qual muitos interesses particulares da burguesia mundial estavam em jogo, o presidente eleito Jean-Bertrand Aristide em meio a acusações de corrupção, se viu com a corda no pescoço, tendo que ser exilar sob a pressão da França, do Canadá e principalmente dos Estados Unidos, que tem vários interesses milionários nesta região, além da ostentação de tentar monopolizar países em prol de seus interesses. O governo americano com seu espírito imperialista e capitalista acredita que o Haiti é um dos países chaves em uma possível aliança para ajudar a impulsionar as negociações e a consolidação da Associação de Livre Comercio das Américas (ALCA) a seu favor.

Aristide foi o mais votado nas eleições democráticas (burguesa) presidenciais, que foram as primeiras a se realizar na história do Haiti. Em seguida foi exilado por pressão Norte americana, Francesa e Canadense principalmente. O povo indignado com o golpe realizado pelas grandes potências estrangeiras sai às ruas e a revolta popular toma conta do país, a revolta do povo haitiano gera a reação internacional que articula a invasão do Haiti. O país é invadido por uma suposta missão de “paz” denominada Minustah (Missão da ONU de Estabilização do Haiti) que tinha como objetivo combater a insegurança no país. Esta missão é mantida pela ONU e está sob o comando do exército Brasileiro que vêm cometendo massacres contra o povo pobre haitiano.

Um dos motivos pelo qual há a presença maciça e significativa do exército brasileiro no Haiti é pelo fato que uma das políticas adotada pelo atual governo brasileiro é a da diplomacia e relações BRASIL - MUNDO. Há muitos anos a elite burguesa brasileira deseja subir o status de país “subdesenvolvido” para país “desenvolvido”, um dos passos importantes hoje no cenário político para elevar esse status é a presença em organizações internacionais. Para tal o Brasil deseja ocupar uma cadeira permanente no Conselho de



Cidadão haitiano no chão após ser baleado na boca por soldados brasileiros

Segurança da ONU, e pretende afirmar-se como “potência mundial”, isso quer dizer dançar conforme a música que toca, sendo esta música o som arranhado de espinhos das notas capitalistas.

A coordenação dessa missão depositada sobre os cargos do exército brasileiro mostra-se totalmente violenta e sangrenta. Vários dos soldados brasileiros foram treinados pelo Grupamento de Intervenções Táticas



Resistência haitiana contra o golpe

(GIT) da Secretaria de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro, este grupo é especializado em conter motins e rebeliões nos presídios, verdadeiras máquinas de matar. Foi neste embalo que o exército brasileiro, treinado para matar, e composto praticamente por jovens, que vivenciam a violência gratuita passada 24 horas na televisão, apresenta sua “hospitalidade” com a população haitiana, matando até agora várias pessoas. Muitas acusações estão sendo feitas, responsabilizando o exército brasileiro e estadunidense por uma série de massacres cometidos nos últimos 19 meses no Haiti, além disso, existem denúncias de que um número grande de haitianos partidários do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, foram assassinados, torturados e presos por integrantes do esquadrão da morte, composta pelo exército brasileiro e estadunidense. A missão que era hipocritamente denominada de pacífica se mostrou um verdadeiro fracasso resultando no massacre de milhares de haitianos, vítimas da barbárie capitalista encabeçada pelos Estados Unidos e tendo o Brasil como cúmplice. Com isso os “dirigentes” dos países, procuram satisfazer as necessidades dos patrões demonstrando quem está de fato ao lado de quem. O governo brasileiro mostra quais são seus verdadeiros interesses, seguir a risca a cartilha neoliberal e imperialista dos Estados Unidos.

O Brasil é um dos países com uma das maiores desigualdades sociais, a fome e a miséria estão por todos os lados, assim como no Haiti onde a miséria é algo presente sendo um dos países mais pobres do mundo. Acreditamos que o povo explorado deve ser unir contra este golpe e a repressão capitalista que sofrem os oprimidos em todo mundo. Os brasileiros e haitianos devem se unir e mostrar solidariedade uns com os outros. Os brasileiros devem se revoltar, indo para as ruas e se opondo a esta guerra de interesses. Com a união dos povos explorados dos diversos países, conseguiremos com força e união barrar e arrancar pela raiz os interesses da burguesia internacional de nossas vidas.

NOTAS

Ato Anarquista em Porto Alegre

No último dia 26/11 a Federação Anarquista Gaúcha comemorou 10 anos de existência com um belo ato que contou com intervenções teatrais e musicais, leitura das adesões feitas por grupos e organizações do Brasil e do mundo, falas com análise de conjuntura, exposição de materiais anarquistas. Estiveram presentes companheiros/as anarquistas de São Paulo, Goiânia, Uruguai e de várias cidades do RS.

Gabriel Roser Livre!

O companheiro do Movimento de Unidade Popular (MUP) Gabriel Roser que estava, há mais de um ano, preso injustamente na Argentina foi libertado depois de seu julgamento realizado entre os dias 28 e 30 de Novembro. Gabriel ficou preso todo este tempo sem nunca ter passado por um julgamento. Vários movimentos se engajaram na luta em solidariedade ao compa do MUP realizando planfetes, manifestações de rua, divulgando a luta o máximo possível e com outras ações. Gabriel foi inocentado de todas as acusações contra ele. Parabéns Gabriel por sua resistência!

Luta por Moradia

No dia 26 de Outubro dois sem-teto da ocupação Sonho Real foram presos de forma arbitrária com a acusação de serem mandantes de um disparo feito contra um PM antes da desocupação da área no Parque Oeste Industrial que resultou em um verdadeiro massacre. Os presos foram soltos por falta de provas, a prisão dos sem-tetos foi claramente uma prisão política. Vale lembrar que as famílias da ocupação permanecem sem a área definitiva e são vítimas da burocracia e da indeferença do Estado de Goiás e da Prefeitura de Goiânia. Chega de perseguição contra o povo que luta por moradia!

Livros

Estamos vendendo três livros anarquistas, que são: *A Anarquia-Malatesta-R\$12*, *Anarco-Comunismo Italiano-Fabri e Malatesta-R\$15* e *Anarquistas expropriadores - Osvaldo Bayer - R\$15*. Caso queira um entre em contato conosco.

